

Construindo o
**MOVIMENTO
ESTUDANTIL
CLASSISTA E
COMBATIVO**



Construindo o **MOVIMENTO ESTUDANTIL CLASSISTA E COMBATIVO**



Primeira edição

Novembro de 2022



**RECC-CE na Greve Geral
em defesa da educação (2019).**



COPYLEFT: A reprodução, distribuição e utilização deste livreto ou parte dele é autorizada e incentivada pela RECC, desde que a fonte seja citada, esta licença seja mantida e a comercialização não seja para lucro privado, apenas para o autofinanciamento coletivo da luta anticapitalista.



 **lutarecc**

  **lutafor**

 **lutafor.org**

RECC-DF na Greve Geral em defesa da educação (2019).

Introdução – 7

Parte 1 – Quem somos nós e pelo que lutamos – 9 ---

1.1 Princípios da RECC – 12

1.2 Diferenças entre as concepções do movimento estudantil – 14

1.3 Pluralismo e contradições entre os estudantes – 17

1.4 A luta pela democracia no movimento estudantil – 20

Parte 2 – As tarefas e estruturas organizativas – 22 ---

2.1 O que é uma organização estudantil? – 24

2.2 A estrutura organizativa da RECC – 26

2.3 A relação entre coordenação e base – 27

2.4 Organograma simplificado da RECC – 29

2.5 As tarefas organizativas – 30

Parte 3 – As tarefas e as formas de resistência – 41 ---

3.1 A ascensão e o refluxo das lutas – 43

3.2 As escalas das lutas: a grande política nos pequenos conflitos – 45

3.3 As formas de luta e resistência – 47

3.4 As alianças com outras organizações e movimentos – 57

Palavras finais – 58

Sugestão de leitura adicional – 61

Introdução

Essa cartilha não é uma solução mágica ou acabada para a formação política militante. Aqui os camaradas encontrarão algumas informações sobre a história da RECC (Rede Estudantil Classista e Combativa), métodos de trabalho de base, resolução e prevenção de problemas, formas de organizar a resistência e a luta, dentre outras.

A formação política militante é uma atividade permanente. Ninguém nasce um militante formado e nunca se chega a um estágio acabado, há sempre o que aprender. Um militante com um domínio e clareza maior do programa, da organização e da ética militante se forma no interior da organização e pelas experiências de luta.

O compartilhamento de saberes é muito importante numa organização horizontal e federalista, pois o poder e as decisões vêm da base e não de líderes iluminados. Portanto, essa cartilha é uma ferramenta que busca incluir todos os filiados em suas diversidades e dificuldades, nivelando os saberes e práticas para auxiliar o trabalho de organização e luta coletiva dos estudantes pelos seus direitos.

Essa cartilha é voltada principalmente para os estudantes que estão iniciando sua militância no movimento estudantil classista e combativo. Aqui partimos do princípio de que “onde há opressão, também há resistência”. O militante revolucionário sempre se opõe a uma opressão real, não atua por conveniências ou facilidades. A história demonstra que a luta coletiva nos contextos mais difíceis foi essencial para a conquista de direitos.

O militante, consciente de sua missão histórica e estratégica, nunca deve admitir que a luta é impossível. Não deve pretender lutar sozinho, organizado coletivamente é possível desenvolver, com paciência e persistência, grandes movimentos.

A indignação individual é fundamental, mas ela só terá força de contestação real se estiver organizada em coletivo; e sua força será tão maior quando se transformar em organização e ação de massas. Com o passar do tempo o isolamento só leva a frustração, a acomodação e ao medo, e o sistema é quem ganha.

Infelizmente, muitas iniciativas de grupos autônomos e combativos no Brasil são meramente locais, não se lançam a tarefa de nacionalização ou massificação local, interpretam a ação direta como mera “violência pontual”, morrem por desagregação interna sem deixar grandes legados ou aparecem apenas nos momentos de ascensão das lutas, sempre reativos à conjuntura, mas sem determiná-la por sua ação criadora.

Essa cartilha serve para inspirar a todos que decidiram romper a apatia e as formas limitadas de resistência e partir para a ação e organização revolucionária das massas estudantis em todo Brasil.

Boa leitura!

Parte 1

Quem

somos nos e

peço que lutamos

A RECC é uma organização estudantil fundada no dia 13 de junho de 2009, para unir coletivos de estudantes, grêmios escolares e centros acadêmicos que realizavam oposição às correntes reformistas e governistas do movimento estudantil. Surgimos nas lutas em defesa dos direitos dos estudantes e por uma educação a serviço do povo, construindo um caminho autônomo, classista e combativo em escolas e universidades.

A fundação da RECC ocorreu durante a Plenária dos Estudantes Classistas e Combativos. A plenária definiu como orientação estratégica a construção de uma organização estudantil de massas capaz de mobilizar os estudantes para a ação direta contra a precariedade e elitização da educação (proposta que pode ser lida nas Teses de construção 2008 – 2010).

A RECC é filiada à FOB (Federação das Organizações Sindicalistas Revolucionárias do Brasil) desde a sua fundação em 2010. A FOB é uma federação revolucionária, que articula organizações autônomas de base do ramo estudantil, sindical e popular para a luta contra o capitalismo e o Estado e suas políticas contra o povo.

Em novembro de 2013 participamos do 1º ENOPES (Encontro Nacional de Oposições Populares, Estudantis e Sindicais) que reuniu cerca de 150 delegados de todas as regiões do Brasil e definiu como orientação estratégica a construção de uma Confederação Sindicalista Revolucionária no Brasil (proposta que pode ser lida nas Teses para a construção de uma Tendência Classista e Internacionalista).

Em outubro de 2017 participamos do 2º ENOPES, que marcou uma nova etapa de construção da luta revolucionária no Brasil. A partir dele a FOB decide construir federações de organizações estudantis, populares e sindicais autônomas de base, para se contrapor às centrais oficiais, burocratizadas e reformistas.

Atualmente a RECC se estrutura como uma federação estudantil, que articula organizações de base em dez estados brasileiros e com processos de contato e construção em estados de todas as regiões do país. Desde a nossa fundação participamos de importantes lutas estudantis e populares no Brasil, como o Levante Popular de 2013, os protestos contra a Copa do Mundo FIFA de 2014 e as ocupações estudantis de 2015 e 2016.

A RECC luta em defesa dos direitos dos estudantes e para garantir

melhores condições de estudo. Nossas reivindicações por moradia e assistência estudantil, passe livre, creches públicas e gratuitas e o acesso livre às universidades são respostas aos problemas do cotidiano dos estudantes, são realizáveis apenas através de muita luta e organização e possuem um papel central no avanço das lutas de massas e dos levantes populares que criam as situações revolucionárias.

Essas reivindicações imediatas vinculam diretamente as lutas dos estudantes aos objetivos históricos da RECC e da FOB: a construção de uma educação a serviço do povo, do poder popular e do socialismo, compreendido como a descentralização do poder e da riqueza, para que os povos sejam donos de seus destinos.



1.1 – Princípios da RECC

AUTONOMIA: Entendemos que as organizações estudantis são instrumentos de luta onde os próprios estudantes devem ter o poder, sem a interferência de partidos e governos. Os partidos querem controlar a luta dos estudantes e canalizar toda a força do movimento para o parlamento e as eleições. O vínculo aos governos traz a necessidade de defendê-los em troca de cargos e benefícios, mesmo quando aplicam medidas que prejudicam a vida dos estudantes. A consequência dessa prática é não só uma série de derrotas em lutas, como também a desmobilização das bases e o abandono de reivindicações imediatas e da luta pelo socialismo para se adaptar aos acordos eleitorais.

AÇÃO DIRETA: Princípio que defende que para conquistar direitos e alcançar mudanças, os estudantes devem tomar o destino em suas mãos. Ou seja, a luta deve ser organizada a partir da base nos movimentos, através de ações que coloquem os governantes na parede e que façam com que nossas reivindicações sejam atendidas. É uma oposição a meios indiretos, tais como a eleição de representantes políticos ou depositar ilusões na institucionalidade. Assim, ação direta vai muito além de uma ação violenta isolada, significa os estudantes assumirem diretamente e coletivamente os rumos de seu futuro, sendo agentes das próprias mudanças.

DEMOCRACIA DIRETA FEDERALISTA: É quando o poder de decisão é exercido diretamente pelos estudantes, de baixo para cima. Assim, as decisões do movimento não surgem de líderes iluminados, mas da participação e poder real desde as assembleias de base, passando pelas instâncias locais, estaduais e nacionais. As bases não são submissas ao topo, elas têm autonomia para decidir e agir, desde que não violem acordos coletivos. E as instâncias de coordenação são colegiadas, imperativas e revogáveis, estando assim sob o controle das bases. Ou seja, a direção do movimento é coletiva.

ANTIDISCRIMINAÇÃO: É a luta contra todas as formas de opressão impostas pelo Estado e capitalismo e que se reproduzem nas relações dos estudantes, dividindo-os, como o patriarcalismo que produz o machismo, a LGBTfobia; o racismo que se materializa nos diversos tipos de ações contra o povo negro e indígena: extermínio, pobreza, desemprego, baixo nível de escolaridade, etc. Lutamos também contra toda intolerância religiosa e

geográfica, esta última que se materializa nas ações contra religiões de matriz africana, migrantes, povos e etnias oprimidas.

APOIO MÚTUO: A concentração de poder e a propriedade privada são as duas principais bases da desigualdade social e causas das opressões contra os estudantes. Assim, se torna necessário o fortalecimento de práticas de ajuda mútua, solidariedade, cooperação e autogestão entre estudantes para superação de nossas dificuldades. O objetivo, além da troca e reciprocidade, é fortalecer a resistência contra as opressões dos governantes e capitalistas através da experiência de cooperação. Só o povo salva o povo!

1.2 – Diferenças entre as concepções do movimento estudantil

Existem hoje no movimento estudantil brasileiro as seguintes concepções e práticas diferentes: reacionário, liberal, socialdemocrata e o movimento estudantil classista e combativo.

Buscando ganhar popularidade entre os estudantes e construir carreiras políticas, diversos partidos criaram novas organizações estudantis com interesses eleitoreiros. Por isso hoje existem muitas organizações estudantis com ideias parecidas, e o pior de tudo, que não ajudam em quase nada os estudantes.

Atualmente o movimento estudantil reacionário e liberal possuem presença e relevância minoritária no Brasil. Aqui vamos explicar as duas principais concepções e práticas do movimento estudantil brasileiro: socialdemocrata e o movimento estudantil classista e combativo.

Movimento estudantil socialdemocrata

O movimento estudantil socialdemocrata está representado hoje em entidades como a UNE (União Nacional dos Estudantes) e a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas). Todas as organizações e partidos que participam dessas entidades também são defensoras do movimento estudantil socialdemocrata.

A socialdemocracia defende a ordem e a legalidade impostas pelas classes dominantes. As entidades são autoritárias e corruptas, sempre dependentes da figura de seu presidente, não possuem democracia interna.

Uma característica do movimento estudantil socialdemocrata é a defesa de que os estudantes devem reivindicar, por exemplo, 30 novas bolsas remuneradas, para conseguir 10. Ou seja, já entram numa negociação com a certeza que rebaixarão a pauta de reivindicações. Em geral a consequência é um “acordão” entre burocracias do movimento estudantil e da direção ou reitoria, pelas costas dos estudantes.

Outra característica é tentar atrair estudantes com espaços recreativos, festas, shows e distribuições de brindes. Um movimento estudantil festivo. A luta que é o importante eles deixam de lado.

Para os socialdemocratas, o movimento estudantil só deve fazer a luta por reformas para melhores condições de estudo, deixando a luta por transformações maiores exclusiva aos partidos eleitorais de esquerda. Por isso, é muito comum presidentes e ex-presidentes das entidades concorrerem às eleições burguesas, ou mesmo ocuparem cargos governamentais ou assessoriais de vereadores, deputados e ministérios. Eles não acreditam na capacidade do povo para mudar diretamente a realidade e por isso alimentam a ilusão na farsa eleitoral.

Na verdade, participar das disputas eleitorais é algo que unifica o movimento estudantil reacionário, liberal e socialdemocrata. Todos utilizam o movimento estudantil como trampolim para concorrer nas eleições ou mesmo para fazer a defesa de determinados candidatos em troca de favores ou cargos políticos.

Movimento estudantil classista e combativo

O movimento estudantil classista e combativo foi o responsável pela construção de diversas lutas e resistências no Brasil desde meados do século XX, principalmente durante o período da ditadura militar, realizando greves, rebeliões e demais ações revolucionárias.

Hoje o movimento estudantil classista e combativo está em processo de reorganização através da RECC. O movimento estudantil classista e combativo, ao contrário das demais concepções de movimento estudantil, é revolucionário e defende o socialismo, isto é, o fim da sociedade capitalista e a construção de uma sociedade justa e igualitária, em que tanto a riqueza quanto o poder sejam repartidos entre o povo.

Para os revolucionários, o principal objetivo do movimento estudantil é a construção de uma educação a serviço do povo e do autogoverno dos povos, ou seja, o governo da federação livre das comunas e das associações do povo, sendo que o movimento estudantil e suas organizações são uma das bases dessa nova sociedade.

Por isso, o movimento estudantil classista e combativo é contra a participação nas eleições burguesas, a aceitação de cargos em governos e faz oposição a todos os governos capitalistas, independente de partidos ou ideologias. Se opõe, portanto, a qualquer forma de conciliação com a classe

dominante, porque sabe que eles são ricos e poderosos e sempre buscarão oprimir e explorar os estudantes e o povo.

Portanto, o movimento estudantil classista e combativo defende a ação direta, defende que o próprio povo deve fazer a luta política e por melhores condições de vida, estudo e trabalho juntas, e não delegar a luta política a partidos externos e eleições. A principal estratégia de luta do povo é a greve geral, porque, com ela todo o povo paralisa suas atividades, paralisa a produção, a circulação e a prestação de serviços, mostrando aos burgueses e aos governos que somos nós que produzimos toda a riqueza.

RECC-CE no Grito dos Excluídos (2022).



1.3 – Pluralismo e contradições entre os estudantes

Uma característica fundamental do movimento estudantil classista e combativo é o pluralismo. A ideia pluralista está relacionada diretamente a outros princípios que falamos antes: o federalismo e a antidiscriminação.

O movimento estudantil classista e combativo não atribui nenhuma superioridade artificial ou oficial em relação as diversas situações de renda, de gênero, étnico-raciais, religiosas, geográficas, geracionais, organizacionais e de áreas de conhecimento entre os estudantes. Todos podem e devem se lançar na luta e provar o seu valor na prática, sem prejulgamentos ou preconceitos.

Além do mais, é importante lembrar que os indivíduos e grupos sociais não possuem apenas uma, mas várias “identidades”: um indivíduo que é estudante, também pode ser indígena, mulher, trabalhadora assalariada. A ação concreta é o único terreno para a unidade dentro do pluralismo, a prática é o critério da verdade. E é pela demonstração de luta que os sujeitos e grupos revelam seu potencial real de transformação: a luta é o central.

O pluralismo do movimento estudantil classista e combativo não nega as particularidades e identidades entre os estudantes, mas as unifica de baixo para cima, não transformando-as em divisões (sejam de gênero, raciais, geracionais etc.).

É por isso que a noção de classe trabalhadora defendida pela RECC e pela FOB não se restringe aos trabalhadores assalariados, mas também às trabalhadoras domésticas, camponeses, escravizados, estudantes, artesãos, favelados, donas de casa, desempregados etc.

A classe trabalhadora está envolta em uma variedade de conflitos muito além do salarial, que devem ser enfrentados com organização e luta classista. Por isso, em relação as reivindicações, também é preciso aplicar o pluralismo.

É por isso que uma variedade de lutas tachadas equivocadamente como “policlassistas” ou “particulares”, como por exemplo as lutas pelos direitos estudantis, contra o machismo, contra o racismo, pelos territórios originários são, na verdade, lutas da classe trabalhadora. E, portanto, devem ser organizadas e apoiadas. As lutas antidiscriminatórias, por exemplo, não são

deslocadas da luta de classes, e sim uma de suas expressões mais gritantes e necessárias.

Assim, o pluralismo como método de resolver as contradições entre o povo não é uma ideia de diversidade idealista, desvinculada da luta e dificuldades reais do povo. Por isso ela se transforma em métodos efetivos de combate às opressões aos setores e indivíduos mais marginalizados e oprimidos da nossa classe.

É por isso que o movimento estudantil deve assumir como suas as lutas antidiscriminatórias e também deve construir internamente uma horizontalidade cada vez maior entre jovens e velhos, homens e mulheres, brancos e negros, heterossexuais e as demais orientações sexuais, religiosos e ateus, dentre muitas outras.

Mas para construir essa nova prática plural revolucionária devemos enfrentar corretamente o peso de tradições patriarcais e autoritárias entre os estudantes e todo o povo. Para isso, é fundamental construir práticas participativas, democráticas e de base, sem as quais a luta antiburocrática cai no vazio.

As contradições entre os estudantes e todo o povo, tal como o machismo e racismo, não devem ser pensadas de forma idealista, como se a organização fosse uma “bolha” isolada da sociedade. O central não é a existência das contradições, mas os métodos que utilizamos para resolvê-las.

Por um lado, as opressões originadas pela ação da burguesia, do Estado e dos exploradores devem ser combatidas com ação direta, autodefesa e radicalidade; por outro lado, as contradições entre os estudantes e o povo devem ser resolvidas principalmente com a solidariedade, luta ideológica e justiça restaurativa, e não com punitivismo e a formação de pequenos agrupamentos “puros” entre si.

Na luta dos estudantes e do povo é fundamental a construção de uma nova prática e ética militante: não hierárquica, de respeito, de compromisso, de disciplina, honestidade, que seja antipatriarcal e antirracista, que estimule estilos de vida que não sejam autodestrutivos aos companheiros e à nossa comunidade e que, ao contrário, fortaleça a mente e o corpo do nosso povo.

Vinculado a isso, o movimento estudantil classista e combativo defende

que devemos nutrir o ódio de classe, a intransigência, a combatividade, a desconfiança e a violência revolucionária frente aos inimigos do povo, exploradores, burgueses, patrões, políticos e forças policiais. É estratégico e decisivo saber diferenciar as coisas, paz e guerra, amor e ódio, sem negar nem um outro, mas direcioná-los a quem merece: “paz entre nós, guerra aos senhores”.

1.4 – A luta pela democracia no movimento estudantil

A democracia, muito falada pelas burocracias do movimento estudantil, não é praticada no interior da maioria das organizações e entidades. Para nós, a primeira tarefa democrática para o estudante é retomar o controle sobre sua organização coletiva. O movimento estudantil precisa ser a expressão da auto-organização dos estudantes, de baixo para cima, com o poder a partir da base, dos locais de estudo.

O que acontece hoje é exatamente o oposto: as entidades oficiais não têm democracia, são pequenos exemplos de uma velha política corrupta e autoritária. Mas para mudar essa situação não adianta só trocar a presidência das entidades. Muitos já tentaram por esse caminho e viram que o “buraco é mais embaixo”.

A maioria das organizações estudantis participam das entidades oficiais (ou seja, reconhecidas pelo Estado brasileiro), defendem a legalidade da ordem dominante.

A sustentação material das entidades oficiais passa pelo financiamento do Estado, seja na concessão de verbas por governos, na emissão das carteirinhas de estudante ou através do fundo eleitoral dos partidos eleitoreiros que participam dessas entidades.

O vínculo aos governos traz a necessidade de defendê-los em troca de cargos e benefícios, mesmo quando aplicam medidas que prejudicam a vida dos estudantes. Enquanto isso os partidos querem controlar a luta dos estudantes e canalizar toda a força do movimento para o parlamento e as eleições.

Além disso, as entidades oficiais geram uma ilusão de representação. Quais entidades oficiais conseguem reunir pelo menos a metade ou até mesmo um terço dos seus “representados”? Ou quando nem sequer precisam reunir os estudantes em assembleia para a tomada de decisões? Quem definiu, portanto, esse poder de representação tão grande (e ilusório) dessas entidades? Essa representação sem legitimidade é a garantia de um poder burocrático. É por isso que o Estado não deve decidir quem é legítimo ou não na luta dos estudantes. Quem pode e deve reconhecer a entidade ou organização que representa os estudantes são eles próprios.

Toda a estrutura das entidades oficiais está apodrecida e serve na prática como força auxiliar do sistema. Também é importante compreender que no Brasil a maioria dos estudantes não estão organizados. Assim, a luta dos estudantes não pode ser resumida às das entidades oficiais e existe uma massa de estudantes fora dessas entidades.

Um movimento estudantil verdadeiramente democrático e que dê voz aos estudantes deve passar necessariamente pela construção e fortalecimento de organizações estudantis autônomas de base que organizem as massas de estudantes desorganizados e que sirvam como alternativa às entidades oficiais autoritárias e burocráticas.

Parte 2

As tarefas e estruturas organizativas

Há anos os estudantes revolucionários estão diante de um dilema fundamental: ou a combatividade e horizontalidade leva ao isolamento e ao sectarismo em pequenos grupos ou o crescimento das organizações leva à burocratização ou cooptação.

Hoje a RECC possui uma proposta pra resolver esse dilema. O princípio e a estrutura federalista abrem possibilidades reais para um crescimento do local ao nacional que construa grandes organizações de massas que mantenham a democracia interna, a combatividade e o poder de baixo para cima.

Mas isso não significa que vai existir uma organização perfeita. Quando falamos em “avanços organizativos” falamos sempre na criação de novos problemas para resolver. É um trabalho constante.

As indicações aqui buscam ajudar com métodos e propostas para contribuir com a construção e fortalecimento da organização estudantil. É importante compreender as etapas de construção, identificando em que momento estamos, para onde queremos ir e quais condições e ações devemos alcançar e tomar para atingir nossos objetivos.

2.1 – O que é uma organização estudantil?

Muitas vezes os estudantes reclamam de problemas na escola ou na universidade, mas por fazerem isso sozinhos, sem organização e de forma envergonhada, estes problemas continuam. Escolas e universidades precarizadas, assédio moral e sexual, falta de materiais adequados para o estudo, alimentação ruim, transporte caro, falta de assistência estudantil, são alguns problemas comuns do estudante brasileiro. Esses problemas afetam todos os dias a nossa formação intelectual e profissional, nossa liberdade e o nosso bem-estar, nos adoecem, criam brigas nas famílias e comunidades, reduzem a nossa qualidade de vida.

Mas os estudantes sempre tem algo a dizer e propor para melhorar suas vidas. Quando estamos sozinhos estas ideias podem não fazer diferença, mas organizados e de forma unida os estudantes ganham poder. A organização estudantil é exatamente a forma de unir os estudantes e fazer seus direitos valer.

A organização estudantil é a entidade que representa os estudantes que se filiam a ela e tem como objetivo criar poder de pressão para conquistar suas reivindicações.

Para nós, a organização não deve ser uma coisa que está “fora” ou “acima” dos estudantes. Ela é, na verdade, uma forma de AUTO-ORGANIZAÇÃO. Ou seja, quando os estudantes se organizam por si mesmos, sem a dominação do Estado ou de qualquer instituição externa ao grupo de estudantes. É, portanto, o primeiro passo na construção da nossa autonomia.

A organização estudantil é também uma AUTORREPRESENTAÇÃO. Não é o Estado que deve dizer qual líder ou qual entidade nos representa. Somos nós que construímos por nossas mãos a organização que de fato nos representa. A verdadeira legitimidade de uma organização surge, portanto, de baixo para cima.

Por isso a organização estudantil deve se manter autônoma, sem “rabo preso” com governos ou partidos, e qualquer repressão sobre a livre organização deve ser denunciada e combatida.

A organização estudantil tem a função de discutir quais são os

problemas do local de estudo. Os pequenos conflitos e problemas cotidianos são a escala mais básica e fundamental que atua uma organização estudantil, pois eles são a base de toda a estrutura de exploração e opressão.

É por isso que a organização deve ser construída desde a base, das lutas e uniões nos locais de estudo, e desde essa base forte construímos a federação a nível nacional.

Os estudantes organizados devem pensar em quais melhorias desejam e como farão para conquistá-las. Para isso, a organização defende reivindicações e mobiliza os estudantes para lutar, fazendo com que suas vozes sejam ouvidas e atendidas.

2.2 – A estrutura organizativa da RECC

Um compromisso da RECC é a organização dos estudantes desorganizados, especialmente dos estudantes marginalizados. Possuímos uma estrutura organizativa federalista, de baixo para cima, desde o nível local ao nacional, capaz de organizar os estudantes desorganizados. A estrutura organizativa acontece hoje em três instâncias: Organização Estudantil, Núcleos Estudantis Autônomos e a Federação Estudantil.

A **ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL (OE)** é uma associação de todos os estudantes de uma mesma localidade. Assim, a organização estudantil não divide os estudantes de acordo com o seu nível, modalidade ou instituição de ensino. A organização estudantil se organiza através de assembleias. Uma **COORDENAÇÃO** colegiada, imperativa e revogável é eleita em assembleia com a tarefa de coordenação e execução das decisões das assembleias, e não com autonomia de tomar decisões pela base.

As organizações estudantis se organizam em **NÚCLEOS ESTUDANTIS AUTÔNOMOS (NEA)** a partir dos locais de estudo, do mesmo curso ou instituição de ensino e moradia. Os núcleos estudantis autônomos se organizam através de assembleias, possuindo autonomia para decidir e agir em seus espaços de atuação, desde que não violem acordos coletivos.

A RECC é a **FEDERAÇÃO ESTUDANTIL (FE)** que articula e coordena as organizações estudantis e suas lutas a nível nacional. A **COORDENAÇÃO NACIONAL (CN)** é composta pela delegação eleita de cada localidade, sendo responsável pela coordenação e execução das decisões a nível nacional, não possuindo autonomia para tomar decisões de cima para baixo.

O mais importante para a construção da federação e do movimento estudantil classista e combativo é construir organizações de base fortes. As organizações e núcleos que se unem na federação estudantil devem ter vida própria, desenvolver lutas concretas em suas bases e estar bem organizadas.

2.3 – A relação entre coordenação e base

Uma ideia importante no movimento estudantil classista e combativo é sobre a relação entre a coordenação e a base de uma organização estudantil.

Cabe a **COORDENAÇÃO** funções de maior coesão política, clareza dos objetivos e métodos de trabalho da organização, iniciativa e dinamicidade para envolver e agitar o movimento, harmonizando suas tarefas; trata-se de uma minoria ativa; a coordenação deve ser legitimada, eleita e estar sob controle da base, prestando contas de suas ações com transparência e garantindo a aplicação daquilo decidido nas assembleias e nos pactos nacionais.

A **BASE** é o coração da organização estudantil e dos núcleos estudantis autônomos e a instância de participação de todos demais filiados. Cabe a ela funções vitais para irradiar a luta da organização no cotidiano dos estudantes nos locais de estudo, travando as lutas práticas, a agitação e propaganda, mobilizando e atraindo novas pessoas, massificando o movimento.

Porém a base não é submissa ou só realiza o trabalho manual separado do intelectual. Ela é o elo fundamental entre os dois. Ela também discute e mobiliza para as decisões de planejamento e estratégia nas assembleias e instâncias da organização estudantil, núcleos estudantis autônomos e nas instâncias nacionais da RECC.

O movimento estudantil classista e combativo sempre defendeu uma relação de baixo para cima (federalista) entre as bases organizadas e a sua unificação através das coordenações. Ambas são importantes. Se só existem bases a situação é de dispersão e fragmentação das lutas, se só existem coordenações a situação tende para a burocracia e o elitismo.

Hoje a maioria das entidades estudantis oficiais não possuem bases organizadas. Só existem as direções das entidades e os milhares de filiados seguem isolados e desorganizados. Nesse caso o que existe é uma organização autoritária, centralizadora. A base não tem nenhum poder, perde os instintos de iniciativa, pois está desorganizada. Toda decisão e orientação é imposta pela direção.

Como as burocracias das entidades oficiais possuem um poder e recursos que foi dado a elas pelo Estado, elas têm medo da auto-organização

da base e agem para reprimi-la, muitas vezes em conluio com a direção da escola, reitoria da universidade e governos. Quando a base quer se organizar e lutar, mas a direção da entidade não, acontece o que chamamos de **CONFLITO DIREÇÃO-BASE**. Nas entidades oficiais esse conflito está sempre presente e é uma consequência estrutural desse modelo de organização estudantil.

Já no movimento estudantil classista e combativo a relação entre coordenação e base deve ser completamente diferente. Todo o poder da organização estudantil autônoma vem de sua base organizada.

A coordenação serve para articular, propor e executar as decisões e a luta unitária da base, não para decidir em seu nome.

Dentro da organização estudantil autônoma tanto coordenação como a base têm autonomia para agir e contribuir com a causa comum e a luta. E pessoas que estão momentaneamente na coordenação possuem o mesmo poder de decisão de quem está na base, garantido pela democracia de base nas assembleias, como a liberdade de propor e encaminhar ações.

Assim, a organização estudantil autônoma não tem nenhum poder dado pelo Estado para mandar ou negociar em nome dos estudantes. Ele só tem força se a base for forte, e para a base ser forte ela precisa estar organizada nos núcleos e assembleias de base, além de ter uma coordenação atuante e estruturada.

O poder do movimento estudantil classista e combativo é proporcional ao poder dos estudantes organizados e em luta. É de interesse do movimento estudantil classista e combativo que surjam mais e mais núcleos de estudantes em seus locais de estudo, bem como que as coordenações estejam bem preparadas para cumprir o seu papel de coordenação, suporte e unificação da ação estudantil autônoma.

2.4 – Organograma simplificado da RECC

ENOPES: Encontro Nacional das Organizações Populares, Estudantis e Sindicais Revolucionárias: instância máxima da RECC, reúne todos os filiados com direito a voz e voto.



Plenária Nacional (PN): Instância nacional intermediária. Reúne 1 delegado imperativo a cada fração de 10 filiados na base



Coordenação Nacional (CN): Órgão colegiado de coordenação e execução. Reúne 1 delegado imperativo e revogável por localidade.



Organização Estudantil (OE): Organiza todos os estudantes de uma mesma localidade. Tem o mínimo de 10 filiados, organizados em pelo menos 2 núcleos diferentes.



Núcleo Estudantil Autônomo (NEA): Organiza os estudantes de um mesmo local de estudo, curso ou instituição de ensino e moradia. Tem o mínimo de 3 filiados.

2.5 – As tarefas organizativas

A construção e fortalecimento de uma organização estudantil ativa é um trabalho árduo. E para trabalhar em coletivo, é preciso saber ouvir, ter regularidade, ter humildade e saber se expressar. Como todo trabalho, exige que seus membros tenham paciência, persistência e união. Se a organização estudantil for uma iniciativa firme e forte, os resultados colhidos serão grandiosos.

Filiação de novos membros

Uma organização estudantil autônoma é composta por seus filiados. Sem eles a organização é como uma concha vazia. Os números são uma fonte importante de poder. A tarefa de uma organização autônoma para a filiação de novos membros não termina nunca.

O ato de filiação não deve ser um fim em si mesmo ou meramente para ampliar números. Não basta assinar o nome num pedaço de papel. O objetivo do movimento estudantil classista e combativo é organizar e fortalecer estudantes conscientes e ativos, e para isso a prática da luta é a melhor escola.

A estratégia de massificação para a RECC está centrada em uma filiação aberta através das e para as lutas reivindicativas, enquanto se tenha acordo prático com o programa da organização, e a partir da pedagogia da luta os filiados desenvolvem uma formação política continuada no interior da organização que permita relacionar os interesses imediatos aos interesses revolucionários de longo prazo.

Um estudante pode não entender de imediato toda a história da RECC, pode não decorar o programa e detalhes da organização antes de se filiar; porém deve reconhecer os nossos princípios, como ele irá se organizar (o modelo federalista), os pontos centrais do programa (como o autogoverno), seus direitos e deveres e a ética que adotamos.

Mas, sobretudo, o convencimento maior ocorre quando oferecemos enquanto organização uma capacidade real de pensar e intervir para resolver problemas imediatos da sua condição de estudante. O trabalho de base é o central para construir um movimento e organização de massas.

Trabalho de base

O trabalho de base é a prática de engajar, organizar e acompanhar um grupo de indivíduos para a resolução de seus problemas cotidianos. O trabalho de base realizado de maneira séria é capaz de convencer os estudantes do poder da luta autônoma e combativa organizada para mudar a realidade, levando a se filiarem à organização.

Engajar uma base de estudantes não é uma tarefa fácil. Grupos diferentes de estudantes têm problemas e experiências diferentes. Os estudantes podem ter prioridades e expectativas diferentes.

Essas expectativas, experiências e formas como os estudantes podem contribuir são tão importantes quanto a política geral da organização; não deve haver uma abordagem onde a organização apresenta sua política e pretensões e ignora a política e intenções dos estudantes. Um trabalho de base bem sucedido não pode chegar e abordar de qualquer jeito. Para isso, não existe uma regra, mas algumas orientações podem ajudar:

A) Conheça a realidade

Determine uma base de estudantes com a qual você pretende trabalhar. O trabalho de base de qualidade é marcado pela constância, continuidade e por uma relação de confiança entre os membros da organização e a base. Portanto, a atuação entre os estudantes de sua própria turma, ano letivo ou curso é o caminho mais indicado.

Identifique o máximo de informações possível sobre as condições gerais dos estudantes: faixa etária, gênero, reclamações, história de conflitos, lideranças etc. Isso ajudará a montar uma estratégia.

Mas se você não conseguir encontrar todas as informações que deseja, não se preocupe. Inicie o trabalho de base e mãos à obra. Você conhecerá melhor a realidade na medida que fizer seus contatos, conversar com os estudantes e participar das lutas. Boas conversas com vários estudantes é uma fonte viva de conhecimento de sua realidade.

B) Prepare a estratégia geral

Com base nas informações que você possui, você precisará decidir os

objetivos e as formas de desenvolver o trabalho de base. Algumas perguntas podem ajudar a guiar a construção de uma estratégia.

Você possui uma opção preferencial por aproximar as mulheres ou um outro grupo específico de estudantes? Quais problemas afetam muitos estudantes? Quais as reclamações? Quais as prioridades? Que recursos ou apoios você pode contar para realizar o trabalho de base?

Essas e outras perguntas podem ajudar você a construir os caminhos para a estratégia do trabalho de base.

C) Prepare táticas específicas

A partir da realidade e da estratégia geral você deve planejar ações específicas para atingir esse objetivo: as táticas. Este é um começo feito de baixo para cima, um trabalho de formiguinha, e serve para começar a mobilizar a opinião dos estudantes para a necessidade de lutar e se organizar.

Como você começará? Uma opção seria distribuir um panfleto denunciando determinado problema enfrentado pela base e divulgando a ideia de organização e ação coletiva. Você também pode aproximá-los com um cine debate, uma roda de conversa ou um grupo de estudos que abordem questões de interesse da base e expliquem o posicionamento da organização sobre essas questões.

Muitos estudantes se aproximam quando enfrentam um problema grave e imediato. Atrair os estudantes para a organização ao lidar com suas preocupações reais é a melhor estratégia. Entretanto, é preciso tomar cuidado. Você precisa pensar a forma que você vai enfrentar o problema e como vai manter o interesse dos estudantes depois que a questão ou crise imediata tiver se resolvido.

D) Planeje os detalhes práticos

Preste atenção aos detalhes do trabalho de base. Você precisa ser organizado para ter sucesso. Por exemplo: se você decidir fazer um panfleto para distribuir lembre-se que você (ou outras pessoas) precisará escrever o texto, diagramar, imprimir e distribuir. O texto precisa ser acessível aos estudantes.

Quando você for encontrar estudantes para uma reunião ou atividade talvez você precisará ter em posse outros materiais como alguns panfletos que expliquem o posicionamento da organização sobre determinado problema ou que apresentem a organização para entregar aos mais interessados em conhecê-la.

E) Reunindo e dialogando

Quando uma assembleia ou reunião for possível, marque em um local e horário mais fácil de reunir a maioria de estudantes interessados. Divulgue essa reunião ao maior número de estudantes possível. Trabalhe para mobilizar o máximo de estudantes interessados. Faça a divulgação da data, hora e pauta. Cole cartazes.

Quando for se reunir pense na sua abordagem.

EM RELAÇÃO A ATITUDES: Você deve saber ouvir os outros, seja respeitoso e profissional, busque ser breve, claro e ir direto ao ponto, não dê impressão que está com pressa ou agoniado, faça com que os estudantes sintam que suas preocupações são importantes, relacione o problema daqueles estudantes com outros estudantes para mostrar que eles não estão sozinhos, mostre conhecimento, mas não seja arrogante.

EM RELAÇÃO AOS ASSUNTOS: Apresente aos estudantes a visão geral da organização sobre os problemas que enfrentam e proponha uma forma de solucioná-los. Explique por que os estudantes precisam se organizar para a luta coletiva e cite exemplos de como essa organização e luta podem funcionar na prática.

Por fim, **O QUE NÃO DEVEMOS FAZER?** Prometer aquilo que não podemos cumprir, exagerar conquistas, ser desonesto, faltar um compromisso, perder a paciência, fazer observações preconceituosas, ser um “sabe-tudo” e arrogante ou forçar simpatia.

F) Próximos passos

É essencial manter um contato constante e continuado com as bases de estudantes com as quais você decidiu trabalhar, o mesmo vale para os novos filiados. Não adianta nada convencê-los a se engajar em uma luta coletiva ou a entrar para a organização e depois não os procurar mais. Visite-os

periodicamente. Faça atividades e reuniões. Aborde questões de seu interesse e ajude-os sempre a resolver seus problemas.

Convide os estudantes mais próximos da organização para se filiarem e traga todos os filiados formalmente para os espaços da organização (formações, assembleias, etc.) ou crie novos espaços que inclua a participação deles. Atraia mais filiados para a organização tratando de forma eficaz as questões e problemas com as quais eles realmente se importam.

Organizando uma assembleia

As assembleias são espaços coletivos onde todos devem ter o direito de voz e voto. Devem ser divulgadas com antecedência a fim de que as pessoas possam se programar para comparecerem e preparar suas intervenções e propostas. Quando não houver consenso as decisões devem ser tomadas pelo voto (maioria simples) e a execução deve se tornar responsabilidade de todos os presentes.

Quando é tomada a decisão de convocar uma assembleia, deve-se pensar o que quer abordar, qual a importância, o que irá propor ou consultar aos participantes e como fará este trabalho. Uma assembleia tem que ser representativa. E para isso deve contar com um forte trabalho de divulgação e convencimento. Não podemos reclamar da falta de participação se não tivermos a paciência de mobilizar, escutar e convencer.

A assembleia deve iniciar definindo com clareza:

- A) Quem fará a relatoria, anotando as propostas e os encaminhamentos;
- B) Quem fará a inscrição de quem deseja falar e a contagem do tempo das falas;
- C) Quem fará a condução. As três funções acima formam a “mesa” que coordenará a assembleia;
- D) Quais as pautas e sua ordem prioritária;
- E) Qual o teto (limite de horário) da assembleia.

Os participantes da assembleia devem eleger um mesário, que fará a inscrição de falas e contagem de tempo e um relator, uma pessoa que anotará as propostas e organizará as decisões ao final de cada pauta da assembleia, observando se existem acordos, divergências ou realizando votações. Um condutor também pode ser eleito para auxiliar na condução das pautas e decisões, sobretudo quando há propostas divergentes.

É importante fazer inscrições das pessoas que desejam falar e contar o tempo de fala de cada um (geralmente três minutos, variando de acordo a necessidade). Isso é importante para garantir que todos consigam falar, que

não tenha nenhuma “estrela” ou “sabe-tudo” querendo falar sozinho e atropelando a fala dos outros, falando fora de ordem. Temos que nos esforçar para estimular com que várias pessoas se inscrevam na assembleia e deixem suas opiniões e propostas sobre as pautas.

As três funções que formam a mesa podem ser feitas por qualquer participante da assembleia. No final de cada pauta as decisões devem ser lidas a todos para que não tenha confusões e desentendimentos futuros.

Para que a assembleia seja democrática, é necessário que a pauta seja aprovada por todos os participantes no início da assembleia. Além disso, alguns assuntos que sejam mais polêmicos ou estratégicos não podem ser simplesmente incluídos no meio ou no início da assembleia.

Assuntos estratégicos exigem assembleias ou plenárias específicas para isso, anunciadas com antecedência. Assuntos estratégicos merecem a apresentação de uma reflexão mais profunda, das suas razões e o detalhamento de onde se quer chegar e o porquê, e não simplesmente serem decididos de forma apressada e improvisada.

A assembleia deve ser dinâmica e não deve se prolongar demais. Quando houver um número muito grande de pessoas é ainda mais necessário que a assembleia tenha um limite de duração onde todos se esforcem para segui-lo.

Estes são aspectos importantes seja para uma assembleia de estudantes, da organização ou uma assembleia de delegados de base. Quando a assembleia é de delegações que levam as posições de bases, é necessário que essas bases tenham tempo prévio para amadurecer o debate, receber as propostas e pauta antecipadamente.

Comunicação interna

A comunicação é essencial em todas as etapas e esferas da luta, especialmente em uma organização não-hierárquica. A capacidade de se comunicar tem a ver com aprender a ouvir e a falar com os outros.

A capacidade de comunicação dos membros da organização é decisiva em momentos de assembleia, de divisão de tarefas, na filiação de novos membros, no trabalho de base e na articulação de ações e campanhas.

A comunicação é um aprendizado coletivo e permanente. Cada nova filiação é um recomeço e novo desafio nessa tarefa. E por ser tão importante que devemos buscar sempre a sua democratização, desenvolvendo métodos de comunicação solidária entre os membros da organização e com os estudantes em geral, que já estão tão massacrados por um cotidiano de opressões, injustiças e violências.

A capacidade de comunicação está relacionado a problemas reais como não deixar camaradas esperando respostas, não ser desleixado, não prejudicar a articulação e o bom andamento das atividades.

Isso é válido para todos, mas principalmente para aqueles que em instâncias eleitas na organização estudantil e que em alguns contextos precisam estar atentos diariamente (ou inclusive minuto a minuto) para resolução de problemas.

Formação política

As atividades de formação política militante precisam ser permanentes. Ninguém nasce um militante formado e nunca se chega a um estágio acabado, há sempre o que aprender. Assim, não devemos exigir que todos os filiados tenham o mesmo nivelamento político desde o início, para sua filiação.

Por isso uma organização estudantil deve prever e aplicar formações políticas continuadas, para que, após filiados, os membros possam se formar no interior da organização e pelas experiências de luta.

No movimento estudantil classista e combativo a formação é pensada de acordo com as demandas da luta e da organização: técnicas de propaganda; organização por local de estudo; análise de conjuntura; história e memória revolucionária; violência contra as mulheres; repressão policial; e por aí vai.

Cartilhas como essa, e outras que possam surgir, são uma ferramenta importante para formações, mas possuem limites. Outras ferramentas podem ser vídeos, palestras, rodas de conversa, músicas, jogos e dinâmicas de grupo, teatro, oficinas e outras. É interessante também valorizar qualidades pessoais de militantes ou apoiadores em determinados assuntos e técnicas para construir uma formação militante.

Portanto, a formação militante deve se diferenciar das linguagens, preocupações e estilos acadêmicos e universitários (ainda que os estudantes tragam contribuições de lá). Devemos ter a clareza que o saber popular e revolucionário é muito maior do que diplomas e discursos com palavras difíceis e muitas vezes distantes da vida e dos problemas do povo.

Cultura de segurança

Uma cultura de segurança é uma consciência de segurança coletiva dos militantes da organização, que sabem quais comportamentos comprometem a sua segurança e a segurança de seus camaradas e trabalham para educar os camaradas que por ignorância ou esquecimento praticam um comportamento inseguro.

A falta de uma cultura e política de segurança no movimento estudantil no Brasil está diretamente relacionada a falta de uma estratégia de poder popular, alternativo e crítico ao poder do Estado. Muitas correntes reformistas desprezam e consideram desnecessárias medidas de segurança acreditando piamente que vivem uma democracia.

O debate sobre segurança foi resumido pela esquerda eleitoreira à democratização ou pacificação da polícia, junto à ilusão de um “Estado democrático de direito”. Por isso, as burocracias do movimento estudantil têm a prática de colaborar e elogiar a ação da polícia em manifestações.

O movimento estudantil classista e combativo, ao contrário, ainda que não resolva de imediato todas as questões envolvendo a segurança, deve tomar essa preocupação em toda sua profundidade.

Nós vivemos uma guerra de classes, as vezes aberta e outras, velada. Seja na vida pessoal (celular, redes sociais, família, moradia, bairro, locais de estudo e trabalho, etc.), em reuniões e assembleias ou ações de resistência, devemos pensar e agir para garantir a nossa segurança, de nossos camaradas e dos nossos iguais como um todo.

Parte 3

As tarefas
e as formas
de resistencia

As tarefas organizativas estão diretamente relacionadas às tarefas e formas de resistência. Na maioria das vezes elas nem podem ser separadas, estando unidas por um CICLO DE LUTA E ORGANIZAÇÃO: uma atividade de resistência que pode levar a novas formas de organização e assim por diante.

Nessa parte da cartilha vamos explicar e propor algumas formas de resistência legítimas realizadas pelo povo e que podem ser utilizadas pela organização estudantil.

Antes disso é fundamental reconhecer que os estudantes sempre resistem contra as formas de opressão. Mas não basta o militante revolucionário participar das formas de resistência que já existem. Ele deve contribuir para que elas se tornem cada vez mais fortes, de massas, autônomas e combativas.

O militante se verá em situações em que lutas importantes estarão sob o controle da tendência socialdemocrata e terá que ter um método para atuar nessas lutas. Mais importante ainda, e com maior responsabilidade, serão os momentos em que os revolucionários estiverem na direção de lutas estudantis.

3.1 – A ascensão e o refluxo das lutas

Muitos movimentos ou organizações se formam e se fortalecem em momentos de crescente luta e mobilização coletiva. Quando esses momentos acontecem nós dizemos que existe uma “ascensão” da luta.

Num momento de ascenso as pessoas tendem a ficar mais abertas para ouvir e se envolver na causa revolucionária e na luta por direitos. Muitas vezes são momentos difíceis, de greves, conflitos, mas com a união e a ação firme da coletividade as pessoas tendem a superar as dificuldades, elas sentem de forma mais clara o poder do povo unido e cada estudante envolvido nesse momento se sente forte junto.

Esses momentos de ascensão precisam sempre ser muito bem aproveitados. O militante revolucionário precisa ter propostas para solucionar problemas pequenos e grandes que surgem durante as lutas. Isso não significa ter respostas pra tudo, para isso o militante conta com seus camaradas e com os estudantes em luta. A coletividade é sempre mais inteligente do que o indivíduo isoladamente.

Mas esses momentos de ascenso das lutas, por mais que sejam prolongados, sempre tem um fim. As lutas podem alcançar os seus objetivos ou serem derrotadas, mas a tendência é que após o combate se tenha um momento de “calmaria” ou mesmo de uma ofensiva da burguesia, do Estado ou da repressão. É o que chamamos de “refluxo” das lutas.

Os refluxos são momentos mais difíceis para uma proposta de movimento estudantil classista e combativo. A crise econômica e social se mistura com crises nas famílias e individuais e podem afetar a organização. Por isso é fundamental saber navegar e enfrentar esse momento e tirar o máximo de proveito das oportunidades.

Em um momento de refluxo é quando podemos nos dedicar mais às atividades de propaganda, formação, organização interna, e outras, que mesmo sem envolver um conflito direto, preparam e organizam melhor as nossas forças para quando ele vier.

Em alguns níveis, modalidades ou instituições de ensino esses momentos de refluxo são praticamente a regra. Mas muitas vezes são nessas realidades (onde a luta é mais difícil e quando construir o movimento

estudantil possa ser mais desafiador) que o potencial da luta pode ser tão grandioso e estratégico para a transformação social. Afinal de contas, existe um motivo pelo qual alguns lugares são tão difíceis e outros mais fáceis organizar uma luta.

Devemos refletir de forma correta sobre esses momentos de ascenso e refluxo. Buscando aproveitar todas os pontos positivos de situações favoráveis à nossa ação, mas sem nos acomodarmos a eles.

Além disso, construir métodos para superar todas as dificuldades onde a luta seja mais difícil, saber se adaptar às mudanças, sem nunca abdicar de acreditar na luta e na causa dos estudantes e do povo.

3.2 – As escalas das lutas: a grande política nos pequenos conflitos

Alguns ativistas tendem a reduzir a luta social a participar de grandes manifestações ou somente realizar pequenas ações de propaganda, como colar cartazes e distribuir panfletos. Isso faz parte da luta e há camaradas na organização estudantil que apenas contribuirão assim, o que é de grande valor; mas o conjunto da luta do movimento estudantil classista e combativo não pode se resumir a isso.

Avançamos de uma luta propagandística para a luta política quando organizamos pessoas e nos colocamos em movimento contínuo. A organização em períodos de refluxo é pré-condição para grandes manifestações. Uma organização estudantil que tenha constância é o fio condutor das grandes demonstrações de luta, dos ascensos.

Mas o que fazer quando não há grandes protestos e não temos condições de organizá-los? É importante pensar os períodos de refluxo das lutas ou mesmo de um grande conflito localizado que tenha poder de mobilizar muitos estudantes sem se expandir para toda sociedade. Muitas vezes, um grande conflito pode estourar numa pequena escola ou em um único curso em uma universidade.

É provável que no curto e médio prazo o movimento estudantil classista e combativo não tenha expressão de massas e não consiga convocar grandes manifestações nacionais e estaduais contra um pacote neoliberal de desmonte dos direitos vindos dos governos.

Mas é possível para uma organização estudantil combativa lutar contra as políticas neoliberais na pequena escala, no plano local, das instituições de ensino.

Assim, devemos saber nossa capacidade de mobilização e saber agir localmente intervindo em conflitos que parecem pequenos, mas por sua repetição sistemática são estruturais da exploração.

Devemos ser capazes de responder conflitos que estejam a nossa altura de mobilização, sem esperar sempre por grandes movimentos e passeatas para agir. Dez, vinte ou cinquenta pessoas podem causar um impacto importante em uma escola ou universidade contra uma política do banco

mundial para a educação. Pensar globalmente e agir localmente é nosso lema.

Por exemplo: um corte do governo federal para a educação foi aprovado sem grande resistência das entidades oficiais e a direção de uma escola decide reduzir a qualidade da refeição do refeitório escolar; podemos realizar ações com 5 ou 10 pessoas no refeitório escolar denunciando a piora na qualidade aos estudantes, usando panfletos, cartazes, megafone, bandeiras, faixas; conversando com os estudantes na fila.

Outro exemplo: estudantes de uma universidade tiveram suas bolsas cortadas, ou um colega foi expulso por razões políticas; podemos reunir 10 ou 15 pessoas e fazer agitações por uma semana na entrada da universidade, agitando os estudantes, professores e terceirizados da universidade para aumentar a pressão sobre a reitoria e reverter os cortes ou expulsão.

Nem sempre as lutas serão vencidas. Mas elas podem servir de estímulo contra a apatia e aceitação de injustiças, atraindo outros estudantes para nossa organização; ou podemos obter estas que parecem pequenas reivindicações, mas são expressão de resistência contra políticas globais. A vitória efetiva de uma pauta será a melhor demonstração que a força da união dos estudantes vale a pena, mais pedagógico que mil palestras para convencer alguém.

Ou seja, nossa organização estudantil deve adaptar suas forças à escala do conflito. Nem só de grandes manifestações vive o movimento estudantil.

Todos exemplos acima tratam-se de grandes características da exploração capitalista aplicada à escala local pelos gestores e patrões. Temos que provar que é possível resistir contra grandes formas de exploração em diversas situações locais aparentemente isoladas. A disseminação dessas pequenas vitórias e resistências animam a moral e constroem os grandes movimentos de contestação.

3.3 – As formas de luta e resistência

Nós entendemos que a luta de classes é, na verdade, uma guerra de classes. As greves e as ocupações são importantes batalhas dessa guerra, e a greve geral insurrecional é a principal arma contra a exploração e opressão. Mas exatamente por ser uma arma muito poderosa, ela não é fácil de se construir. Por isso não podemos ficar de braços cruzados esperando ela acontecer, devemos arregaçar as mangas e seguir nos revoltando pelos nossos direitos por todos os meios necessários.

As lutas dos estudantes podem ter vários alvos. A depender do problema ou da reivindicação a luta será travada para pressionar a direção da escola, a reitoria da universidade ou o governo. As formas de luta também podem variar.

As ações escolhidas vão depender do objetivo que elas pretendem alcançar. O problema muitas vezes não está nos métodos de luta em si, mas na coerência entre eles e os objetivos que pretendemos alcançar. Por isso é importante saber QUAL método de resistência, QUANDO e COMO usá-lo a depender do conflito em questão e a correlação de forças.

As vezes em um conflito podemos utilizar várias formas de resistência juntas. Por exemplo: uma greve de estudantes pode envolver também manifestações, panfletagens ou ocupações. Mas essas ações também podem ser realizadas separadamente.

Não existe uma forma “melhor” ou “pior”, o importante é saber articular as ações de acordo com os objetivos, ganhar as causas e obter saldos políticos e organizativos, manter o ânimo das bases e desenvolver sempre a experiência da ação direta dos estudantes, amparada pela análise de conjuntura e da correlação de forças.

Abaixo apresentamos alguns métodos de comunicação e luta combativa possíveis.

Agitação e propaganda

Podemos definir a **AGITAÇÃO** como a ação política que busca desenvolver, por meio de ideias simples, uma pauta para mobilizar um grupo de estudantes pela obtenção de um objetivo concreto. O militante deve ser um agitador, capaz de utilizar palavras de ordem e tomar iniciativas nos momentos certos.

O agitador deve entender as reivindicações e revolta dos estudantes e conseguir criar uma mensagem simples e direta com o objetivo de gerar mobilização. A agitação pode ocorrer através de: panfletagem, palavras de ordem, piquete, pixação, incômodo da ordem, obstrução do trânsito ou da execução de tarefas etc.

Os atos do agitador normalmente são iniciativas que visam dar exemplo de luta.

A **PROPAGANDA** é, em termos gerais, a formulação e propagação do nosso programa e estratégia por meio de palavras ou imagens, ou as duas. O militante deve ser um propagandista. A propaganda classista e combativa parte de dois princípios:

1) Os problemas dos estudantes possuem causas que não são superficiais e, por isso, precisamos entendê-las para poder transformá-las;

2) Os estudantes são os que sofrem esses problemas, por isso toda nossa propaganda deve se dirigir aos estudantes, seus problemas e soluções práticas.

A propaganda bem feita deve saber a quem se dirige, adaptando o seu conteúdo e linguagem à realidade e contexto específico dos estudantes alvos da propaganda. O conteúdo político do nosso programa não deve ser reduzido, mas sim adaptado para que os estudantes compreendam e se identifiquem com a nossa proposta. Devemos falar simples, falar a linguagem dos estudantes e ter objetividade.

Devemos dar foco para divulgação de nossas atividades realizadas: panfletagens, colagens de cartazes, agitações públicas, participação em atos, assembleias, campanhas de solidariedade; bem como fazer a denúncia de violações de direitos e assuntos e causas que estejam na boca dos estudantes.

A principal diferença entre agitação e propaganda está no fato de que a propaganda é o aprofundamento e divulgação do nosso programa, estratégia e princípios. A agitação é uma ação curta e grossa, visa estimular uma reação imediata.

Apesar disso, os dois métodos andam juntos: a propaganda fundamenta e aprofunda as reivindicações e lutas imediatas, ajudando a dar clareza e tornar a agitação certa em suas curtas palavras; mas sem agitação e as lutas de massas a propaganda revolucionária estaria sempre restrita a grupos pequenos e isolados.

Greve

As greves podem ser definidas como um método de luta no qual um grupo de estudantes, atuando coletivamente, interrompe as atividades de estudo para reforçar as reivindicações de seu interesse ou em solidariedade a outros estudantes. Por isso a ação grevista não deve ser reduzida ao exemplo das greves de trabalhadores assalariados.

O movimento estudantil classista e combativo considera que a greve de estudantes precisa da máxima atenção ao seu início, meio e fim. Não pode ser aprovada sem preparo. Para iniciar uma greve forte é preciso mobilização, união e decisão dos estudantes.

Isso pode ser fortalecido com ações menores como agitações de denúncia às injustiças, manifestações no local de estudo e outras. Antes da greve “estourar” deve ser reforçado um clima de revolta e agitação. Algumas vezes uma “onda” de greves e protestos em outros locais de estudo podem também estimular essa agitação.

Quando aprovada, a greve tem por objetivo englobar o máximo de pessoas possíveis em suas atividades, fazendo com que os próprios estudantes sejam o alicerce do movimento e os donos da palavra final.

A greve deve ser aprovada em assembleia, possuir reivindicações claras e conter um calendário de atividades. Devem ser realizadas assembleias regulares que decidam os rumos principais da greve. É muito importante buscar apoio de advogados no caso da judicialização do movimento.

As reivindicações escolhidas são muito importantes, mas podem variar de acordo com várias características do movimento (abrangência da greve, condições de estudo, experiência coletiva, etc.). Elas podem ser várias ou apenas uma. As greves podem ocorrer inclusive em solidariedade a outros estudantes injustiçados.

De qualquer forma é importante que o grupo de estudantes esteja convencido de que as reivindicações são corretas e possíveis de serem alcançadas. Não devemos entrar numa greve para perder ou rebaixar as nossas reivindicações, ainda assim devemos estar preparados para lidar com derrotas parciais.

Devemos estar atentos às medidas da direção escolar, reitoria, pelegos e governantes para derrotar o movimento. Por isso, um advogado deve estar sempre a disposição para apoiar os grevistas, uma vez que a legislação burguesa impõe limites ao exercício da greve que o movimento não pode ignorar.

A solidariedade de outras organizações, movimentos e da comunidade (familiares, amigos e vizinhos) pode ser decisiva para vitória. Os piquetes e a crítica aos fura-greves mantêm a greve coesa e combativa.

O fim de uma greve também é importante. Muitas vezes os pelegos tentam acabar com uma greve de forma precipitada defendendo falsas vitórias ou fazendo com que os estudantes percam as esperanças e desanimem. Mas o fato é que uma hora as greves acabam e, por mais bem organizadas e fortes que comecem, nem sempre alcança todas as reivindicações.

Por isso, além das VITÓRIAS MATERIAIS em termos de melhores condições de estudo, etc. Também devemos reconhecer e aproveitar as VITÓRIAS ORGANIZATIVAS relacionadas as novas filiações, novos núcleos, novas lideranças e aprendizados. Como diria a canção “unidos venceremos e a luta continua”, e nós precisamos saber manter essa continuidade e persistência, “até a vitória final”!

Diferentes formas de greve

Ao longo da história, foram desenvolvidas diferentes formas de greve, associadas aos diferentes modelos de organização e seus objetivos. As diferentes experiências históricas permitiram o aperfeiçoamento das estratégias de greve. Aqui vamos falar de três tipos de greves:

Greves espontâneas

São aquelas deflagradas sem uma preparação prévia, resultada de uma resposta imediata de um conjunto de estudantes contra alguma injustiça.

Também são chamadas de greves espontâneas aquelas deflagradas de forma independente das direções e burocracias do movimento estudantil, mas organizadas de maneira autônoma pelas bases de estudantes.

As greves espontâneas são importantes, mas é necessário superar a falta de organização e preparação para as greves, tanto para a conquista das vitórias desejadas, quanto para avançar nas próprias lutas.

“Greves de pijama”

São greves fadadas ao fracasso. Ocorrem quando estudantes aderem ao movimento grevista, mas ficam em casa (por isso a expressão “de pijama”), não participam de atos de rua e nem de protestos. Simplesmente ficam esperando que a burocracia do movimento estudantil faça as supostas negociações.

Tendem a deseducar e desanimar os estudantes para a tática de greves mais ofensivas, pois muitas vezes, por não exercerem poder de pressão fora a paralisação, não obtêm conquistas, criando sentimento de que greve não resulta em nada.

Greve geral insurrecional

É uma das principais estratégias da luta revolucionária da classe trabalhadora. A greve geral é a paralisação por tempo indeterminado de todas as atividades de estudo e trabalho, de todas as categorias no campo e na cidade, da produção, da circulação, do comércio e da prestação dos serviços. É a prova de que a classe trabalhadora é responsável por todas as riquezas de uma nação.

A greve geral é acompanhada de manifestações massivas da classe trabalhadora, com piquetes, fechamentos de estradas, atos de rua, ocupação de locais de trabalho e estudo, prédios e órgãos públicos.

A greve geral se torna insurrecional quando as manifestações entram em confronto direto com as forças de repressão do Estado burguês, com o povo ocupando os centros de poder, as sedes do poder municipal, estadual e federal colocando a classe trabalhadora em posição de ofensiva estratégica e a burguesia assumindo a defensiva. Por isso, a greve geral insurrecional é uma estratégia revolucionária de luta, de ruptura com o sistema capitalista.

Manifestação

As manifestações precisam ser bem organizadas para terem sucesso. Com as redes sociais algumas pessoas acham que basta “criar um evento” e divulgar que tudo estará resolvido. Mas não é bem assim. Na maioria das vezes isso só dá certo quando os temas estão “em alta” na mídia, nas redes sociais e na base de estudantes. E nós não podemos esperar ou depender disso para ir às ruas.

Portanto, criar autonomia na ação estudantil passa pelo aprofundando dos métodos de base para mobilizar os estudantes. Mas lembre-se: isso não significa não usar meios virtuais; sabendo usá-los e sabendo dos seus limites nós podemos aproveitar ao máximo sem cair em armadilhas de substituir o real pelo virtual.

As manifestações devem ser decididas coletivamente pelo grupo de estudantes interessados, especialmente em uma reunião ou assembleia. Os estudantes devem decidir os objetivos da manifestação e dividir as pessoas em várias comissões: propaganda, agitação, segurança, apoio, negociações e etc.

Em geral as manifestações precisam ser convocadas com antecedência (no mínimo uma semana), pautas definidas, objetivos, trajetos e rotas de fuga.

Devido seu caráter reativo, as manifestações por si só são legítimas e não precisam de aprovação da direção da escola, reitoria, governo ou polícia. Muitas vezes inclusive as manifestações acontecem de forma espontânea, sem uma grande preparação anterior, mas isso não significa que sejam ilegítimas.

Nossa organização deve apoiar a justa revolta popular. A espontaneidade não está em contradição com a auto-organização e a ação direta e sim com o controle burocrático e eleitoreiro. Uma manifestação espontânea pode ser o estopim ou uma consequência de outras manifestações mais ou menos planejadas e estruturadas.

Por isso, partindo do princípio que nossa força está na nossa organização coletiva, o militante revolucionário deve atuar aprendendo e ajudando os estudantes a se organizarem, se unirem e agirem cada vez melhor.

Ocupação

Apesar das diferenças entre ocupações realizadas pelo movimento sindical, popular e estudantil, uma ocupação envolve sempre o controle, total ou parcial, permanente ou temporário, de um grupo de pessoas sobre um determinado território ou instituição.

A ocupação, portanto, é uma ação popular que questiona o poder dos governos e patrões sobre territórios e instituições. Em geral as ocupações devem ser antecipadas por assembleias que pensem na estratégia e tática do movimento.

Para fazer uma ocupação estudantil é fundamental ter um grupo de estudantes unido e muito bem organizado. A segurança e a autodefesa da ocupação são fundamentais. As ocupações de escolas ou universidades tem um objetivo reivindicativo imediato e são geralmente temporárias, mas nem sempre.



Ocupação da reitoria da UNB pela RECC-DF (2014).

As ocupações temporárias devem contar com uma estrutura logística de alimentação, segurança, comissão de negociação, propaganda. Bem como deve pensar o momento da desocupação, quais pautas devem ser atendidas ou mesmo situações de reintegração de posse com uso de violência policial.

Existem casos de ocupações de escola, por exemplo, onde a comunidade escolar toma o controle permanente tanto da área da escola como da própria administração, realizando a autogestão, como quando uma escola declara seu fechamento e é resgatada pela comunidade.

Mas o fato é que essas ocupações não acontecem do “nada”. São fruto de situações graves como crises, desemprego, ou mesmo em ápices de um movimento de greve.

Autodefesa

A autodefesa dos estudantes e de todo o povo é uma das bases para construção da autonomia. Ela não pode ser uma promessa para o futuro, ela tem que ser uma realidade hoje. Ainda que hoje ela esteja presente em práticas mais simples ou assumida por pequenos grupos, ela é um direito e um dever dos explorados. A autodefesa não se reduz à realização de atos violentos, mas envolve a capacitação técnica e instrumental para tal.

Em menor escala, mas não menos importante, a autodefesa significa a saúde mental e treinamento físico dos militantes e lutadores do povo. No âmbito da luta estudantil a autodefesa envolve principalmente a capacidade de defesa e resposta frente a ação repressiva de burocracias do movimento estudantil, diretorias, reitorias e governos.

No âmbito das lutas antidiscriminatórias a autodefesa envolve principalmente a apropriação da violência revolucionária, fortalecimento da autoestima e defesa pessoal de pessoas LGBTQ+, mulheres e negros.



RECC-CE e Terra Liberta na luta por Terra e moradia (2022).

A autodefesa também é a preocupação com nossa segurança virtual, nossa privacidade pessoal e em ações de massas. A segurança virtual não deve ser negligenciada tendo em vista o volume da presença em nosso cotidiano das novas tecnologias de comunicação e informação e pela grande capacidade de espionagem por governos e pessoas maliciosas que exploram sua extrema vulnerabilidade. Informação também é poder.

Nas manifestações, está em jogo a liberdade de expressão ou a prisão, a integridade física ou ferimento dos manifestantes. Os grupos de autodefesa atuam para garantir a autodeterminação e segurança dos manifestantes frente a violência e controle policial. Isso exige não só uma vanguarda (uma linha de frente), mas uma retaguarda que impeça a debandada e que esteja capacitada para primeiros socorros, agitadores para manter o moral elevado, dentre outras necessidades básicas.

A retaguarda é tão importante quanto a vanguarda. Ações de vanguardas isoladas tendem a ser facilmente reprimidas, diferente de quando ocorre em meio a atos de massa; por outro lado, há atos de massa, sobretudo aqueles controlados pela burocracia do movimento estudantil, em que milhares de pessoas na rua não realizam poder de pressão (nem pressão moral) pois seguem um comportamento e trajetos domesticados, normalmente previamente acordados com as forças policiais.

3.4 – As alianças com outras organizações e movimentos

O movimento estudantil classista e combativo submete a escolha de alianças pontuais com outros movimentos à sua estratégia geral de construção da unidade dos estudantes. Os militantes devem saber diferenciar as coisas.

O principal terreno da unidade é na ação direta coletiva e não na assinatura de documentos e acordos políticos, ainda que estes últimos possam ser importantes em certos momentos. Não devemos buscar alianças a qualquer custo, nem agir sempre sozinhos por sectarismo: é necessária uma linha correta.

Atualmente, existe um certo vácuo de organizações nacionais que tenham uma linha combativa e independente. Existe uma pulverização de pequenos coletivos locais com estas características. Sendo importante identificar lutas concretas em que as unidades sejam possíveis.

Mas a política de alianças não pode sobrepor a centralidade do trabalho de base. Muito tem se falado da incapacidade da tal “unidade da esquerda”, enquanto poucos se dão o trabalho de ir ao povo: nosso trabalho de base (sempre local e contínuo) é a política de unir estudantes não iniciados nas lutas, e é isso que permite a multiplicação e massificação de movimentos para que as alianças sejam com base no poder real de pressão e não meramente na assinatura conjunta de documentos.

O critério deve ser sempre que estas frentes incorporem a luta ou execução de elementos centrais do nosso programa e não entrem em contradição com a função geral da RECC ou neguem os seus métodos de organização e resistência. Essas frentes ou alianças deverão ter um objetivo claro e determinado, um tempo determinado e ações determinadas.

Enquanto organização pluralista, podemos estabelecer campanhas ou ações de cooperação apenas com organizações que tenham um programa ou ações que somem para a realização do nosso próprio programa, imediato-reivindicativo ou histórico-estratégico.

O fundamental é que as alianças não sobreponham ou substituam o trabalho de base nem subvertam aspectos centrais da nossa política.

Palavras finais

Para finalizar, fazemos um chamado alto e claro aos estudantes conscientes e lutadores e lutadoras autônomas e revolucionárias do Brasil: é necessário superar o ativismo individual e esporádico e a restrição dos pequenos coletivos locais. Até quando nossas lutas autônomas e pautadas na ação direta irão ser apenas levadas pela conjuntura, mas sem determiná-la?

A maior forma de expressar a independência e combatividade é pela força política enquanto estudantes. E esta será resultado da multiplicação de núcleos e organizações estudantis de massas locais e sua união nacional através da Rede Estudantil Classista e Combativa. Inserida, agitando e organizando os estudantes em dezenas de cursos, em centenas de faculdades e em milhares de escolas, no campo e na cidade.

Precisamos nos transformar de algumas centenas espalhados para sermos milhares e milhões juntos! A autonomia precisa deixar de ser ideia e contemplação para ser ação e real solução.

A organização nacional não deve nos assustar. Ela é uma das condições da nossa vitória. Baseado nas experiências de organização e insurreição de

baixo para cima, desde a Comuna de Paris, os Quilombos negros, as Retomadas indígenas, os Caldeirões, os Cantões curdos e os Caracóis zapatistas: precisamos organizar a autonomia.

Negar o centralismo político através da afirmação do centralismo organizacional federalista, que combina a unidade nacional com as autonomias locais. Como diz a canção: **“não adianta ser milhões se não somos um / ação coletiva, objetivo comum / discurso ou revólver não interessa a opção / sem união é impossível a revolução!”** (Discurso ou revólver, Faccção Central).

Camaradas, é tempo de colocar a mão na massa! O fim da desigualdade social e do autoritarismo não cairá dos céus. A distribuição do poder e da riqueza só pode ser atingida pela revolução e pelo socialismo. Não será fruto de um cataclisma do próprio capitalismo. Não será uma via ininterrupta pelo Estado. E não virá por uma evolução pacífica da sociedade.

Será obra de pessoas comuns. De carne, fibra e osso. Com seus vícios e virtudes, alegrias e dores. Ninguém fará por você. Será nós por nós. É o povo pelo povo!

**CONSTRUA O MOVIMENTO ESTUDANTIL
CLASSISTA E COMBATIVO! FILIE-SE À RECC!**

VIVA A AÇÃO DIRETA ESTUDANTIL!

Sugestão de leitura adicional

Teses de Construção 2008 – 2010. RECC, 2011.
[avanterecc.wordpress.com/publicacoes/cartilhas].

Creches Públicas: garantir o direito das mulheres ao trabalho e ao estudo! Coletivo Pedagogia em Luta, Coletivo Feminista Classista Libertárias – RECC, 2011. [lutaFOB.org/publicacoes/cartilhas].

Construir Grêmios de Luta – 2º edição. RECC, 2016. [lutaFOB.org/2386].

Teses para construção de uma Tendência Classista e Internacionalista. FOB, 2013. [lutaFOB.org/documentos/enopes2013].

Código de Ética da FOB. FOB, 2022. [lutaFOB.org/9590].

Programa Reivindicativo e Revolucionário da FOB. FOB, 2022.
[lutaFOB.org/9594].

ANOTAÇÕES

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

ANOTAÇÕES

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....



 **lutarecc**

  **lutafof**

 **lutafof.org**

**RECC-DF na Greve Geral
em defesa da educação (2019).**

Essa cartilha não é uma solução mágica ou acabada para a formação política militante. Aqui os camaradas encontrarão algumas informações sobre a história da RECC (Rede Estudantil Classista e Combativa), métodos de trabalho de base, resolução e prevenção de problemas, formas de organizar a resistência e a luta, dentre outras.

A formação política militante é uma atividade permanente. Ninguém nasce um militante formado e nunca se chega a um estágio acabado, há sempre o que aprender. Um militante com um domínio e clareza maior do programa, da organização e da ética militante se forma no interior da organização e pelas experiências de luta.

